

O ATO DE LEITURA NO CONTO “O CASO DA VARA”, DE MACHADO DE ASSIS

THE READING ACT IN THE TALE “O CASO DA VARA”, BY MACHADO DE ASSIS

Saulo Santana de Aguiar*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar uma experiência estética de leitura do conto “O caso da vara”, de Machado de Assis, tendo por base os pressupostos teóricos da estética da recepção, assim como formulados por Wolfgang Iser, em sua teoria do efeito estético. Para tanto, servir-me-ei de alguns trabalhos, como Santos (2009) e Costa (2007), que se detiveram a expor os princípios fundamentais dessa teoria, além de me valer também dos aportes teóricos de Compagnon (1999), a fim de formular uma visão clara e abrangente de tal corrente de estudos literários. O procedimento que adotarei aqui será o de partir de reflexões teóricas gerais a respeito do ato de leitura para assim poder explicar a respeito de minha experiência estética singular na leitura do texto machadiano, sempre preocupado em conferir ao meu empreendimento um caráter crítico-científico.

PALAVRAS-CHAVE: Estética da recepção; teoria do efeito estético; ato de leitura.

ABSTRACT: This article aims to present an aesthetic experience of reading the tale “O caso da vara”, by Machado de Assis, based on the theoretical assumption of reception aesthetic, as formulated by Wolfgang Iser, in his theory of aesthetic response. Thus, I will use some works, such as Santos (2009) and Costa (2007), which have exposed the fundamental principles of this theory, in addition to using the theoretical contributions of Compagnon (1999), in order to formulate a clear and comprehensive view of such a stream of literary studies. The procedure that I will adopt here will be to start from general theoretical reflections on the reading act in order to be able to explain about my unique aesthetic experience in reading Machado’s text, always concerned with giving to my enterprise a critical-scientific character.

KEYWORDS: Reception aesthetic; theory of aesthetic response; reading act.

* Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor da rede pública do Estado da Paraíba. Possui experiência na área de Letras Clássicas e literatura brasileira. E-mail: saulo_dirnt_2006@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Os estudos literários por muito tempo permaneceram infensos à importância do leitor e do ato de leitura para a compreensão das obras de arte, centrando-se na análise dos textos em si mesmos, com o fito de tentar interpretar o seu significado como algo que partisse inteiramente do processo de produção desses mesmos textos por parte dos autores. Assim, o enfoque dado à recepção das obras poéticas por um público leitor, seja do ponto de vista social, seja de um estritamente individual e/ou psicológico, parece ter sido relegado a um plano secundário, quando não a uma mera curiosidade não científica, que em nada contribuía para o estudo da literatura. Mesmo com o surgimento da moderna teoria literária, a partir do desenvolvimento das correntes críticas formalistas, que passaram a dar maior relevo ao estudo imanentista dos textos, em detrimento das análises de cunho historicista e biográfico que prevaleciam até ao despontar dessas novas tendências teóricas, não se considerou levar a cabo uma investigação voltada para o entendimento dos mecanismos textuais que condicionam a apreensão das obras literárias pelo leitor, ao realizar sua experiência estética.

Contudo, isso passa a mudar a partir do surgimento da estética da recepção, desenvolvida inicialmente pelos trabalhos do crítico e teórico Hans Robert Jauss, da universidade de Constance, na Alemanha, que defendia, sumariamente, a importância do estudo da recepção das obras literárias por parte do público leitor para a compreensão dessas mesmas obras de acordo com os significados possíveis que cada geração de receptores lhes atribuía, visando igualmente prever os desdobramentos cabíveis que poderiam se dar na apreciação dos textos, ao largo da história. Dito de maneira sintética, os objetivos principais a que se lançava essa escola teórica eram centrados na articulação entre a natureza histórico-sociológica de suas investigações e o caráter científico-normativo de seu método, formando ambos os pilares sob os quais se assentava a estética da recepção (SANTOS, 2009, p. 91). De tal forma, essa nova corrente que surgia, em meio à ebulição dos estudos literários nas universidades, buscava reabilitar a velha tradição filológica, conciliando-a, de certa maneira, com os estudos marxistas e formalistas da literatura, só que agora sob um enfoque mais ligado à compreensão do efeito estético despertado nos leitores pelas obras literárias, detendo-se a acompanhar a história da evolução receptiva de um determinado texto com o passar dos séculos.

Por conseguinte, os adeptos da estética da recepção propunham a escrita de uma nova história da literatura que não mais se preocupava em realizar longas e fastidiosas listas de autores e obras, além de centrar-se em análises genéticas que apontavam para heranças e influências literárias, como era realizado pela velha tradição humanista e filológica europeia, mas sim em conferir, a partir da recepção inicial de cada texto e de suas mutações ao longo da história, o valor estético real que se lhes poderia atribuir, opondo-se assim à ideia de que existam obras canônicas perenes e inquestionáveis, capazes de se colocar numa posição transcendente com relação aos juízos de todas as épocas. Na verdade, o posicionamento anticanônico adotado por tal escola provém exatamente de sua mudança de foco analítico no

que se refere ao estudo da literatura, passando da crítica de obras e autores à compreensão do fenômeno perceptivo na arte literária e do efeito estético.

De tal maneira, é possível afirmar que os estudos desenvolvidos por tal corrente teórica se dividiram em duas principais vertentes, ou perspectivas de análise: uma, mais voltada para o entendimento da recepção coletiva das obras literárias, tendo por isso base num forte viés sociológico e historicista, marcada pelos trabalhos pioneiros de Jauss em contribuição com o filósofo da hermenêutica, Hans-Georg Gadamer; e outra, centrada em preocupações de ordem individual no que concerne ao processo de apreensão dos textos realizado pelo leitor, em seu “ato de leitura”, expressão chave para o esclarecimento da ordem de investigações dirigida por tal vertente. Por sua vez, o nome mais destacado desta foi o do teórico e crítico alemão Wolfgang Iser, também membro da universidade de Constance, e responsável por fundar, juntamente com Jauss, os pressupostos básicos da estética da recepção. No entanto, diferentemente deste último, seus objetivos estavam direcionados, como já se disse, a compreender o efeito estético que os textos literários produziam em seus leitores, procurando desvendar quais mecanismos textuais condicionavam a recepção desses mesmos textos. Nesse sentido, seus trabalhos foram influenciados em grande parte pelas reflexões estéticas do filósofo polonês Roman Ingarden, pertencente à escola fenomenológica de Edmund Husserl, que no livro *“A obra de arte literária”* lançou as bases de sua interpretação da literatura, com vistas à compreensão do papel da consciência no ato de ler, entendendo o texto “como uma estrutura potencial concretizada pelo leitor, na leitura, um processo que põe o texto em relação com normas e valores extra-literários, por intermédio dos quais o leitor dá sentido à sua experiência do texto” (COMPAGNON, 1999, p. 148).

Assim, este trabalho visa, conforme os conceitos teóricos expedidos pela teoria iseriana do efeito estético, descrever a minha experiência de leitura do conto *“O caso da vara”*, de Machado de Assis. Com isso, imagino contribuir não só para um entendimento mais profícuo acerca da recepção, mas, também e sobretudo, do efeito estético despertado por esta obra machadiana no seu leitor, buscando identificar os elementos estruturais do texto que favoreçam a produção de sentido da parte do público receptor. Para tanto, buscarei, num primeiro momento, ater-me a discutir os conceitos chaves empregados por Iser para explorar o ato de leitura e suas implicações na construção do sentido do texto, como processo estabelecido na interação entre leitor e obra. Pretendo, então, abordar as noções de negação, negatividade, repertório, tema e horizonte, assim como dispostos na teoria iseriana. Passado esse tópico, que considero puramente teórico, esforçar-me-ei por transmitir as várias etapas de minha experiência de leitura do conto, destacando a forma como me foram percebidos nessa mesma leitura os conceitos a que me referi anteriormente.

Por fim, duas coisas precisam ser ditas, antes de me lançar às investigações que acabo de anunciar. Uma diz respeito ao uso que aqui faço do discurso em primeira pessoa, a fim de mais adequadamente poder relatar meu empreendimento analítico. Isto se dá, sobretudo, porque eu acredito ser essa a forma mais condizente de se realizar um trabalho de tal natureza, que exige

de quem o pratica uma postura mais subjetiva e aberta, não implicando esta necessariamente na ausência de atitude científica, ou a queda num mero impressionismo diletante. Na verdade, por se tratar aqui de uma análise do ato de leitura de uma determinada obra, e tal ato requerer sempre a presença de um leitor real e concreto, não posso me furtar a expor minhas impressões subjetivas, ainda que balizadas por um aporte teórico que as fundamenta. E é exatamente por isso que me vejo livre para escolher empregar o discurso em primeira pessoa, em minha fala. Por conseguinte, tal justificativa também serve para explicar a segunda coisa que me propus enunciar neste parágrafo. Ela guarda relação com a motivação que me levou a escolher o conto machadiano como suporte para minha investigação acerca da teoria do efeito estético. No presente caso, a minha afeição pessoal, como leitor, pela obra machadiana, devido à sua inegável riqueza literária, constituída de estruturas textuais propícias à fabulação dos leitores, acrescida da constatação sobre a importância do estudo dos textos do bruxo do Cosme Velho de acordo com a perspectiva da teoria iseriana, algo que me parece ainda pouco exercitado, levou-me a enveredar pela opção de investigar a fundo esse conto em particular, de modo a cumprir os objetivos acima destacados.

A TEORIA ISERIANA DO EFEITO ESTÉTICO

A fim de se entender mais profundamente as ideias de Iser a respeito da literatura e da recepção das obras literárias, é necessário, em primeiro lugar, compreender como, para ele, se estabelecia o efeito estético das obras sobre o leitor, e o que era de fato este efeito. A resposta para essas duas perguntas pode ser dada de modo similar, pois ambas partem do mesmo entendimento geral sobre o fenômeno literário em Iser, denotando as particularidades que envolvem a mudança do paradigma investigativo quanto à literatura provocado pelo advento da estética da recepção. O que ocorre é que, para Iser, o centro de suas preocupações teóricas se volta para o estudo do efeito estético, como já salientado anteriormente, e este efeito deve ser entendido como o resultado do processo de interação entre o texto e o leitor, não podendo mais ser admissível por parte da teoria literária desconhecer ou ignorar a importância deste último para o estabelecimento dos sentidos dos textos, já que, conforme essa perspectiva, o significado virtual de cada obra de arte só pode ser concretizado no ato de leitura individual. Assim, estão conformados dois polos de significação: um é o polo artístico, que se identifica com a noção de texto, ou estrutura textual, bastante explorado pelas demais correntes teóricas, especialmente as estruturalistas; o outro é o polo estético, relacionado à concretização realizada pelo leitor, da qual, para Iser, provém o conceito de obra, abarcando todo o percurso interacionista entre texto e leitor (SANTOS, 2009, p. 92-93).

De tal maneira, deve-se ter em mente que aquele que se presta a compreender o efeito estético despertado no leitor no contato com as obras literárias não deve dar demasiada atenção a apenas um desses polos de significação, pois somente o estudo do processo de interação

entre ambos é capaz de garantir resultados mais concretos para tais investigações. Daí a importância de se distinguir dois conceitos iserianos atrelados a essa questão, que são os de *leitor implícito* e o *papel do leitor*. O primeiro deles está relacionado ao polo artístico, devendo ser compreendido como a própria estrutura textual que contém virtualmente os estímulos necessários para a sua concretização da parte do leitor real. Já o papel do leitor está ligado ao polo estético, sendo ele a resposta que se espera do leitor aos estímulos receptivos imantados na própria estrutura do texto. Por sua vez, é preciso salientar que esse processo interacionista nem sempre se concretiza, pois para isso é necessário que o leitor real, que se opõe a perspectiva de leitor idealizada por Iser, seja consciente dos estímulos perceptivos presentes no texto e tenha o conhecimento requerido para concretizá-los por meio de estruturas imaginativas, o que nem sempre se dá, devido, muitas vezes, a deficiências de ordem individual no que tange ao conhecimento geral do leitor, seja dos recursos literários estabelecidos historicamente, seja dos valores extra-literários que circundam a produção dos textos.

Com efeito, esses elementos que garantem ao leitor a possibilidade de concretização do sentido dos textos fazem parte daquilo que Iser denomina de repertório. Dito de maneira breve, este é o conjunto de saberes prévios que são relevantes para que o leitor possa ativar as estruturas de recepção dos textos e assim chegar a produzir sentido para as obras. No entanto, esses elementos do repertório são selecionados e combinados previamente pelos textos de modo a formatar as chamadas estratégias de apreensão e compreensão. As primeiras dizem respeito à seleção dos elementos que compõem o repertório de saberes do leitor e o contexto original em que os textos foram produzidos. As segundas referem-se à combinação de elementos do repertório textual de modo a possibilitar, pela síntese dos pontos de vista existentes, a compreensão dos textos. Desse modo, é papel do leitor relacionar num só ponto de vista intencionado as diversas perspectivas pelas quais se apresentam esses elementos, que podem ser oriundas do narrador, das personagens, da ação ou enredo e da ficção de leitor (que nada mais é do que o leitor idealizado a quem o texto se dirige). Ao organizar e coordenar essas perspectivas, o leitor, dentro do polo estético da recepção, estará se valendo de uma estrutura denominada por Iser de “tema” e “horizonte”. Desse modo, o tema é “a perspectiva adota pelo leitor como centro de sua percepção e o horizonte é a perspectiva anteriormente tomada como tema resistente na memória do leitor” (SANTOS, 2009, p.103).

Conforme o que foi dito anteriormente, percebe-se que o ato de leitura, para Iser, se mostra como um processo dialético no qual cada momento anterior se integra ao que vem a seguir, modificando a sua estrutura significativa. Por isso, deve-se ter em mente a importância do papel do leitor para a realização de todos esses mecanismos, o que pressupõe a necessidade de que, para haver efetivamente a concretização da leitura, seja preciso, por trás de tudo isso, um leitor real competente o bastante para apreender os elementos do repertório e combiná-los satisfatoriamente de modo a produzir os sentidos do texto, reatualizando-os conforme as mudanças históricas o imponham. Além do mais, há a necessidade de se comentar mais

dois conceitos arrolados por Iser para o entendimento dos processos de leitura, que são os de “negação” e “negatividade”. Quanto a este último, é possível dizer que ele está relacionado à noção de implícitos, ou seja, àquilo que está subentendido num texto, dito nas entrelinhas, mas que pode ser apreendido pelo leitor, contribuindo para o estabelecimento do significado. Por sua vez, o segundo traz referência à quebra do conceito de *good continuation*, formulado por Iser para exprimir a continuidade narrativa esperada pelo leitor. Assim, quando o texto nega essa continuidade, isto produz vazios que tendem a ser preenchidos pelo leitor, permitindo-lhe exercitar sua criatividade no ato de leitura, o que remete à importância de tal conceito para o estabelecimento do processo de interação entre texto e leitor.

ESTUDO DO EFEITO ESTÉTICO NO CONTO MACHADIANO

A partir deste momento, finda a exposição teórica a respeito da teoria do efeito estético, de Wolfgang Iser, cuidarei de apresentar sumariamente a minha experiência estética na leitura do conto “O caso da vara”, de Machado de Assis, detendo-me a fundamentar minhas impressões subjetivas com base nos procedimentos teóricos dispostos no tópico anterior. Mas, antes de expô-los, gostaria de brevemente apresentar o que é narrado no texto machadiano. Vejamos, então.

No conto, deparamo-nos com a história do seminarista Damião, posto em fuga do seminário por motivo desconhecido, mas movido pelo desejo de escapar à vida sacerdotal. Visando evitar as represálias do pai, ele busca refúgio na casa de Sinhá Rita, uma jovem viúva que mantém, segundo se diz, uma relação incerta com João Carneiro, padrinho de Damião e a principal esperança do jovem de se ver livre do seminário, devido à amizade dele com o pai do rapaz. Como se subentende na trama do conto, provavelmente Sinhá Rita deva ser amante de João Carneiro, e é isto que leva Damião a buscar auxílio na casa da senhora, mesmo não a conhecendo, mas sabendo da possível relação entre ambos.

Com efeito, ao chegar à casa de Sinhá Rita, Damião, ainda atordoado com a fuga, implora a esta que o ajude a convencer o padrinho a ir falar com seu pai, a fim de tirá-lo do seminário, conseguindo dela a garantia de que resolverá seu caso. Mandando chamar Carneiro e usando de sua influência sobre ele, Sinhá Rita o obriga a interceder pelo menino junto ao pai, que era seu compadre. Aquele, embora relutante de início, e fazendo-se de incrédulo ante a receptividade do amigo, acata os rogos da mulher. Enquanto espera a resolução de seu problema, Damião põe-se a acalmar os ânimos trocando anedotas com sua protetora e contando-lhe pilhérias. Numa destas, faz rir a uma das criadas de Sinhá Rita, a pequena Lucrecia, que se distraía de seus afazeres com as piadas do rapaz, e por isso se vê repreendida e ameaçada pela patroa com a vara que esta trazia consigo. Aqui, pode-se entrever a trama secundária que se delinea no conto, e que logo ocupará a centralidade da narrativa, no remate do texto. Passada a tarde, ao início da noite, Damião ainda se encontra apreensivo à espera

de notícias sobre a conversa de seu pai com João Carneiro, e essas não tardam a vir. Numa carta enviada pelo padrinho a Sinhá Rita, dá-se conta das resistências do pai do menino, querendo castigá-lo e de pronto enviá-lo novamente ao seminário, mas sendo de pouco em pouco abrandado pelo amigo quanto aos ânimos, ainda que contrariado. Sinhá Rita, a fim de despreocupar o menino, reforça seu pedido a João Carneiro, fazendo-o saber que caso não solucionasse a questão, não mais se veriam. Já Damião, procurando serenar-se, entrega-se a palestras com as convivas de Sinhá Rita, ao longo da noite, contando-lhes novos chistes, não obstante a sua inalterável apreensão.

Findas as visitas, e já posta a recolher-se, Sinhá Rita inspeciona a tarefa de suas empregadas, que se debruçavam em rendas e costuras, fitando se alguma delas não teria cumprido suas obrigações. É neste instante que a narrativa retorna à sua subtrama, envolvendo as personagens de Damião, Sinhá Rita e Lucrécia, a pequena escrava da matrona. Devido às anedotas do seminarista, que havia de si para si jurado apadrinhar a menina, Lucrécia não conclui o seu trabalho, pondo Sinhá Rita em fúria para castigá-la, como prometera, com a vara que solicita a Damião no desfecho do conto. Este fica dividido entre o sentimento de proteção que nutre para com a menina e o dever de adulação que tem com aquela que o pode salvar, concluindo que “precisa tanto sair do seminário!”. Com o fim, muda-se a perspectiva da narrativa, pela passagem do drama do protagonista Damião, em sua fuga do seminário e dos castigos do pai, drama este que não é mais retomado ao final do conto, para a descrição das penas de Lucrécia, e pelo desvelamento das relações sociais e morais entre as personagens, especialmente no conflito interior de Damião entre o dever para com o próximo e interesse em proveito de si, acabando por pender para este último, ao entregar a vara de flagelo a Sinhá Rita.

A fim agora de descrever a minha experiência estética de leitura do conto anteriormente referido, com base nos procedimentos teóricos apontados pela teoria do efeito estético, dou início ao meu relato apresentando os elementos do repertório do texto essenciais para a sua apreensão no plano de sua realização textual. Primeiramente, posso dividir tais elementos, para mais proveitosa disposição, em dois tipos: um de caráter sócio-histórico, e outro mais ligado à estrutura literária da obra. No que se refere às informações de cunho extraliterário que apontam para o enquadramento histórico do conto, o seu próprio texto me dá indícios que sinalizam para o período de meados do século XIX como aquele em que está situada a história aí narrada, porque, ao início do texto, é o próprio narrador que anuncia terem-se passado “antes de 1850” os acontecimentos que se vão contar. Este dado me é fundamental, pois é a partir dele que consigo, como leitor, formular minhas primeiras impressões sobre os fatos apresentados, especulando a respeito da natureza desse texto e a que instituições ou costumes ele pode referir. Mas, antes disso, o próprio título do texto já me põe em alerta quanto ao teor da narrativa, por me sinalizar a existência de um acontecimento singular relacionado possivelmente com a utilização de um instrumento de castigo, ou coisa semelhante.

No que concerne à estrutura textual que compete ao gênero conto, esta, especialmente por se tratar de um texto do século XIX, no qual as formas narrativas tradicionais preponderavam, me faz esperar por uma narração linear, com início, meio e fim, sem grandes reviravoltas em sua trama, expectativa esta que será quebrada ao final do texto, mas disso tratarei mais adiante. Por outro lado, o conhecimento que tenho do autor do texto e de outras obras de sua cepa parece já preparar-me para as possíveis surpresas que eu venha a tomar, ao evoluir da leitura. De toda forma, esses elementos do repertório, selecionados na estrutura do conto, me permitem organizar os dados de compreensão do texto, com base na estrutura de tema e horizonte, centrando, num primeiro momento, minha atenção na trama de Damião, desde sua fuga do seminário até à sua chegada à casa de Sinhá Rita. É interessante notar que até ao fim do conto não há uma mudança drástica no tema de minha atenção, pelo fato de o texto seguir em grande parte uma estrutura linear, que só será modificada com o desfecho da narrativa. Contudo, antes mesmo desse desfecho, existe um elemento da história que momentaneamente me faz mudar o interesse, de modo a me preparar para o que será revelado posteriormente. Esse elemento é a vara de castigo usada por Sinhá Rita para ameaçar a pequena Lucrecia, caso esta não cumprisse seus afazeres. Nesse momento, em minha memória, vem à tona a lembrança do título do texto, que restava então como meu horizonte de leitura, mas que a partir daí começa a me estimular a combinar os pontos de vista na medida em que avanço na história.

Entretanto, ainda não consigo atar os elementos dispersos da narrativa a fim de chegar a uma compreensão mais fechada do texto. Isto só se realiza completamente ao findar a leitura do conto, por meio da mudança de enfoque dramático da obra, passando a dar maior destaque à situação patética de Lucrecia, acoitada pela sanha vingativa da patroa e pela covardia do jovem que jurava apadrinhá-la. Assim, a combinação de perspectivas reveladas ao fim do texto, com a incidência do horizonte de leitura que ainda persiste em minha memória, leva-me a compreender a crítica social que se perfaz no conto sob as aparências de uma simples história banal sobre a fuga de um seminarista. Além disso, é preciso sinalizar que esse mesmo desfecho da narrativa parece apontar para uma clara quebra da *good continuation*, configurando a formação de vazios que são preenchidos por minha imaginação, ao especular a respeito do verdadeiro tema exposto no texto. Por fim, também me foi possível identificar a presença de negatividades, ou implícitos, no conto, quando, por exemplo, fica-se subentendida a provável relação amorosa entre Sinhá Rita e João Carneiro, que contribui sobremaneira para reforçar as estruturas de poder que estão imbricadas nas relações entre personagens, nesse texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi relatado nas seções anteriores, gostaria de salientar que os objetivos deste trabalho se restringiram ao estudo do efeito estético produzido pela leitura do conto “O caso da vara”, de Machado de Assis, com base em minha própria experiência de leitura

desse conto. O interesse de tal prática analítica abre-se, sobretudo, para aqueles que melhor desejem compreender acerca das teorias e ideias defendidas pela estética da recepção, de modo a expandir os conhecimentos desenvolvidos por tal área, em suas pesquisas a respeito da recepção de obras da literatura brasileira, seja por parte de um público leitor coletivo, seja pelo lado de uma fenomenologia do ato individual de leitura. De tal modo, as informações aqui constantes têm por mira acrescer o debate teórico na respectiva área de conhecimento, de modo a propiciar considerações mais específicas sobre a aplicação das teorias iserianas para a compreensão do processo de leitura de obras as mais diversificadas, como se mostrou no presente caso.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. Páginas recolhidas. In: **Obras completas**. v. II. São Paulo: Aguilar, 2015.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- COSTA, Fabiana Ferreira da. Engajamento sartreano e mimesis na literatura: pontos e contrapontos. **Revista Investigações**, Recife, Editora da UFPE, v. 20, n. 1, 2007, p. 171-181.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- ROCHA, João César de Castro. **Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.
- SANTOS, Carmen Sevilla Gonçalves dos. A concepção social de infância na obra de Graciliano Ramos. **Revista Investigações**, Recife, Editora da UFPE, v. 17, n. 1, 2004, p. 59-81.
- SANTOS, Carmen Sevilla Gonçalves dos. Estética da recepção e do efeito ou há um leitor no horizonte? In: SEDYCIAS, João. **Repensando a teoria literária contemporânea**. Recife: editora UFPE, 2015.
- SANTOS, Carmen Sevilla Gonçalves dos. **Teoria do efeito-estético e teoria histórico-cultural: O leitor como interface**. Recife: Bagaço, 2009.

Recebido para publicação em: 12 jun. 2020.

Aceito para publicação em: 1 set. 2020.